

## Devir Voz I, II, III e IV

Eliane Cristina Testa<sup>1</sup>

devir voz

sentido devindo  
como tua voz  
mastigada junto as mandingas yorubás  
de orixá devir  
rasgos de pele vocal  
enroscadas línguas  
outra coisa sempre devinda  
um corpo imperdible  
na linguagem erotizante dos safados sonoros  
de safos gemidos  
silvados em vulcânicas temperaturas  
a olho nu  
dá-me de comer da tua lava magma,  
deus das toadas, vudu de voz viva,  
dilata as texturas guisadas  
tamborilando éwés  
do gole de ar  
ao golpe do ancestre sopro  
tudo dito e redito  
duplica replica  
*griots*

devir voz

II

taças de som  
harpa de boca  
canto harmônico

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutoranda do programa em Comunicação e Semiótica, da pós-graduação da PUC/SP. Professora de Literatura Portuguesa, Brasileira e História da Arte, na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Poeta e artista visual.

kalimbas  
darbuka à boca à  
bunda tambor de água  
tambor de carne  
tambor de crioula  
tambor de mina  
tambor de orixá  
tambor de freio  
tambor de couro  
lengalenga amalgamada  
eu gosto de palavras ditas ao  
vento & do ocosound

devir voz

III

hoje tive uma foda  
encantatória trepei com um  
livro: introdução à poesia oral  
matracas chiaram  
pela minha bucinha  
fáticos dionisíacos  
*actio* de transa e de viva voz  
rumba escandindo a phôné  
vocalises pulsantes ala-tha-  
la  
ala-tha-la  
ala-tha-la  
namoro vocoerótico  
cacofonias malabarísticas  
dos corpos

devir voz

IV

embaixo do pé de *Irôco*, a árvore-orixá,  
três ventos sopram  
trinta e seis acordes na minha língua  
ritos de vozes próprias  
tak tatak talk tek  
tak tatak talk tek  
tak tatak talk tek  
tak tatak talk tek  
tak tatak talk tek